

## FERNANDO PESSOA, OUTRA VEZ TE REVEMOS

O presente volume da *Metamorfoses*, revista da Cátedra Jorge de Sena e do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, apresenta aos leitores o dossiê intitulado “Metamorfoses de Pessoa”. Visando refletir sobre temas relacionados à edição, à crítica, à transposição e à posteridade da obra de Fernando Pessoa. O dossiê especial traz dez contributos de investigadores de diversas nacionalidades, para além de uma separata sobre o filme *O Ídolo*, do realizador Pedro Varela.

Como indicado no *call for papers*, Fernando Pessoa está “por conhecer”, para lembrar um título de 1990, mas também “por desconhecer”, como sugeriu Carlos Pittella depois de publicar a edição crítica do *Fausto*. Afinal, há um Pessoa que está por editar (criticamente), mas também existe outro que aguarda novas edições, e essas novas edições podem sugerir uma mudança de título e corpus respectivo (de *Primeiro Fausto* para *Fausto*, por exemplo) ou a releitura de certos versos (veja-se, a este respeito, o artigo de Caio Gagliardi, ou, por assim dizer, de Caio Antônio Gagliardi Nogueira). Nos últimos anos temos acompanhado um processo de transformação do Pessoa pretensamente conhecido que é de índole qualitativa e não é apenas quantitativa. Daí que seja legítima a pergunta referente a qual Pessoa falta conhecer, mas também a contrária: qual Pessoa falta desconhecer?

Estas perguntas orientaram a chamada de trabalhos para o número especial da *Metamorfoses* dedicado a Pessoa, sendo que Pessoa é, foi e será um autor de múltiplas metamorfoses, quer críticas, quer editoriais. Afinal, Pessoa pode ser visto como um autor camaleônico, no sentido de Keats, atendendo à teoria e à prática do heteronimismo, mas também como um autor editado, isto é, construído postumamente, e que sempre existirá no âmbito de múltiplas propostas editoriais. O arquivo digital colaborativo do *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa é uma clara demonstração de tal multiplicidade, sendo que esse projeto



coordenado por Manuel Portela primeiro soube apresentar a multiplicidade editorial pessoana, agora quer divulgar a crítica e no futuro talvez ainda possa revelar a constituída pelas traduções.

Pessoa é um universo em expansão e esse é um dos estados mais favoráveis às metamorfoses, às multiplicidades. No Brasil, a obra de Fernando Pessoa teria chegado aos leitores já a partir da década de 1910, como apontam os estudos de Arnaldo Saraiva, “A entrada de Fernando Pessoa no Brasil” (2015), e de Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier, “Três leitoras brasileiras de Fernando Pessoa” (2019) e “Pessoa no Brasil” (2020). Entre 1912 e 1935, Pessoa teve textos publicados em revistas portuguesas que circularam no país, como a segunda série de *A Águia e presença*; e também nas páginas de periódicos nacionais como o *Correio da Manhã* (1916), *Leitura para todos* (1926), *O Tico-tico: jornal das crianças* (1931) e *Diário de Notícias* (1935). Em um rápido levantamento na base de dados da Data Capes, no Catálogo de dissertações e teses, localizam-se mais de 154.500 entradas que têm Fernando Pessoa como recorte temático das pesquisas, o que revela o enorme interesse despertado pela obra do escritor no Brasil.

Quanto aos textos reunidos no dossiê, no campo da edição, José Dionísio apresenta em seu artigo testemunhos e outros documentos que revelam o interesse de Fernando Pessoa em editar e publicar a poesia de Camilo Pessanha, poeta que ele considerava como um dos nomes mais representativos da poesia moderna em Portugal.

Já o texto de Caio Gagliardi – autor já mencionado nesta apresentação como Caio Antônio Gagliardi Nogueira, em referência ao personagem “Antônio Nogueira”, criado por ele para o jogo ficcional proposto em seu estudo – reflete sobre o estabelecimento do poema e sobre a análise empreendida por Cleonice Berardinelli a respeito de “Depus a máscara e vi-me ao espelho”, de Álvaro de Campos.

No âmbito da crítica, destacam-se quatro estudos. Primeiramente, o artigo de Ida Ferreira Alves (UFF-CNPq) parte do conceito de citação em Benjamin e Compagnon, para pensar sobre a (im)permanência pessoana na poesia portuguesa mais recente.

O ensaio de Bartholomew Ryan aproxima os escritos do poeta Fernando Pessoa e do filósofo Søren Kierkegaard, buscando entender as questões de autoria, do sujeito na escrita e do *self* nos escritos destes autores.

Na sequência, o texto de Karen Cristina Teixeira Pellegrini discute questões relacionadas ao inacabamento e às marcas do texto pessoano nos processos de edição e publicação dos escritos do espólio do escritor.

Enquanto Carlos Pazos Justo escreve sobre o que ele chama de secundarização, no campo dos estudos literários, da obra de Alfredo Pedro Guisado, escritor que colaborou no primeiro número da revista *Orpheu*, e cujos artigos publicados no jornal *A República* teriam contribuído para uma reflexão crítica sobre a temática órfica.

Relativamente à transposição da obra, Marcelo Cordeiro de Mello escreve um artigo em que examina o curta-metragem *O Ídolo* (2021), dirigido por Pedro Varela, adaptado de argumento elaborado por Fernando Pessoa. O estudioso ainda colabora na revista com a publicação de uma entrevista realizada com o diretor da referida produção cinematográfica.

E Flávio Rodrigo Penteado detém-se em seu contributo na análise das práticas cênicas em “O Marinheiro”, único texto teatral publicado em vida, por Fernando Pessoa, em *Orpheu*.

No tocante à posteridade, destacam-se o ensaio de Gisele Candido, que reflete sobre as variações do discurso mítico na obra de Pessoa, e o texto de Sara Grünhagen, que analisa os ecos do Fernando Pessoa personagem da História da Literatura, no romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago.

Finalmente, compondo a Separata intitulada *O ídolo*, constam ficha catalográfica; paratextos; roteiro; fotografias de cena e outros elementos que compõem o filme dirigido por Pedro Varela.

Jerónimo Pizarro  
Raquel Madanêlo Souza  
Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier  
(Organizadores)